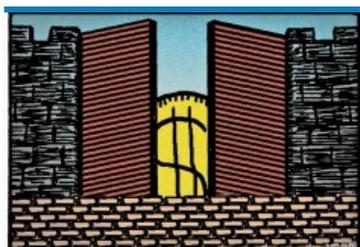


20/03/2017 às 05h00

O inimigo imaginário de Trump

Por Zhang Jun

No mês passado a China comemorou o 20º aniversário da morte de Deng Xiaoping, o principal arquiteto da reforma econômica e da abertura que catapultou o país aos patamares mais altos do cenário econômico mundial. O aniversário acontece num momento em que a abertura econômica está sob ameaça, já que os EUA estão sendo conduzidos por um presidente que acredita que a maneira de "fazer os EUA voltarem a ser grandes" é isolá-lo do mundo.



Em particular, a administração de Donald Trump está fazendo um jogo de cena visando assumir uma abordagem mais rigorosa frente à China, que segundo Trump está "estuprando" os EUA com suas políticas comerciais, inclusive mantendo o valor do yuan artificialmente baixo. Quaisquer que sejam as medidas concretas tomadas por Trump, parece claro que a política americana será economicamente mais dura em relação à China nos próximos anos, podendo até desencadear uma guerra comercial. Mas, um olhar mais atento à posição chinesa em termos de política financeira mostra que a China não é inimiga dos EUA.

Alguns meses atrás, a China foi confrontada com o desafio de evitar a depreciação continuada do yuan e esfriar um mercado imobiliário superaquecido.

A situação era tão grave que alguns investidores e economistas internacionais sugeriram que o governo desistisse de administrar os preços das moradias e concentrar-se, em vez disso, em sustentar a taxa de câmbio, como fizeram o Japão, a Rússia e as economias do sul da Ásia. A China, argumentaram, não poderia permitir a dilapidação de suas reservas de divisas duramente acumuladas.

Mas, após desatrelar parcialmente o yuan do dólar em agosto de 2015, o Banco do Povo da China (BPC) tentou com muito empenho não intervir para aumentar o valor do yuan. Enquanto o crescimento econômico chinês continuou a declinar e os EUA continuaram a se recuperar, a taxa de câmbio do yuan continuou a cair.

Alguns observadores podem ter se perguntado se o BPC permitiu intencionalmente a depreciação para melhorar a competitividade às vésperas de uma possível vitória de Trump nas eleições americanas.

Quando a eleição de Trump contraditou as expectativas e fez o dólar já forte subir ainda mais, a pressão pela depreciação do yuan intensificou-se. No fim do ano passado, o yuan havia se depreciado em torno de 15% em relação ao dólar, em comparação com o verão de 2015, e as crescentes expectativas de maior depreciação levaram mais investidores a retirar seu capital da China.

LEIA MAIS

BC da China aumenta taxas de juros de curto prazo

Apostas contra o yuan trazem prejuízo a investidores na China

China estuda opções para sustentar yuan e conter saída de capital

INVISTA EM VOCÊ

ASSINE

Valor ECONÔMICO

PARA SEU SUCESSO PROFISSIONAL

Com as mudanças do mercado, chegou a hora de você investir no seu sucesso profissional. Assine o melhor conteúdo sobre empresas, finanças e negócios e alavanque a sua carreira com as análises especializadas do Valor Econômico.

12x R\$ 74,20 IMPRESSO + DIGITAL

Mensagens dos leitores

Insegurança institucional

Em 2015, os gastos com juros da dívida pública, de R\$ 502 bilhões, foram superiores aos gastos previdenciários (R\$ 486 bilhões). Ademais, as desonerações tributárias somaram R\$ 280 bilhões (equivalentes à doação de 20% das receitas do Estado ao setor privado) e a sonegação fiscal, estimada em R\$ 452 bilhões, persistiu impávida. De modo que...

20/03/2017 às 05h00 - Luiz Mariano de Campos -

Operação Carne Fraca!

Agora é caso de imaginar qual será a repercussão e atitude dos compradores do mercado internacional. Os empresários e servidores desonestos não podem ficar impunes. Num país que tenta sair de uma grave crise econômica ainda conta com núcleos que pensam apenas em seus interesses.

20/03/17 10:19

mais rígidas às saídas de capital de curto prazo. Ao mesmo tempo, levou um passo adiante seus esforços anteriores para desacoplar o yuan do dólar - mediante mudanças num sistema fixo baseado em preços médios, e passando a adotar um pacote de câmbio baseado no mercado - adicionando 11 moedas ao cesto de moeda de referência do yuan. Com isso, a tempestade da taxa de câmbio da China amainou, e foi estabelecida uma faixa de flutuação bidirecional para o câmbio yuan-dólar, o que representou um passo importante para um regime cambial baseado no mercado.

A China tem buscado uma liberalização financeira cautelosa de acordo com suas próprias necessidades e com sua própria lógica. Seja lá o que o presidente americano, Donald Trump disser, isso não fará da China uma inimiga dos Estados Unidos

O BPC implementou essas medidas antes da posse de Trump. Em vista das acusações de Trump sobre manipulação de moeda pela China, esse foi bom momento, independentemente do fato de que a intervenção do BPC visou fortalecer, e não enfraquecer, o yuan. Restrições duradouras sobre as saídas de capital em curto prazo, no entanto, poderiam ainda tornar-se um alvo, embora tais críticas, também, seriam injustificadas.

A regulamentação chinesa sobre fluxos internacionais de capital tem sido há muito um tema controverso. A maioria dos economistas recomendava que a China liberalizasse a conta de capital, eliminando uma barreira institucional crucial ao estabelecimento de Xangai como centro financeiro internacional e do yuan como moeda de reserva internacional.

Mas, de acordo com economistas respeitados, como Justin Yifu Lin e Yu Yongding, a liberalização total da conta de capitais da China seria arriscada para o país. Eles também citam haver escassas evidências que sustentem as alegações de que uma liberdade para os fluxos de capitais internacionais é necessária para o desenvolvimento econômico sustentado.

Como mostra a experiência recente, o emprego, pela China, de cotas ajustáveis para que investidores institucionais nacionais e estrangeiros qualificados administrem fluxos de capital internacionais em curto prazo continua sendo uma tática valiosa para proteger as reservas cambiais e o câmbio chineses. Por ser um país com uma poupança substancial e um mercado financeiro subdesenvolvido, a China sabe que precisa ser cuidadosa.

Cerca de 20 anos atrás, a China começou a permitir - e até mesmo a estimular - a liberalização de sua conta corrente, para atrair fluxos de investimento estrangeiro direto para seu setor industrial e visando estimular as exportações e o crescimento econômico. Mas foi somente a partir de 2008 que as autoridades monetárias chinesas - buscando compensar a pressão ascendente que as elevadas entradas de capital estavam exercendo sobre o yuan - permitiram que as empresas locais investissem no exterior.

Da mesma forma, em 2013, a China estabeleceu uma zona piloto de livre comércio em Xangai para explorar abordagens visando facilitar fluxos de capital de curto prazo e para silenciar as exigências de liberalização financeira apresentadas pelos EUA e pelo Fundo Monetário Internacional. Mas para mitigar os possíveis riscos financeiros, a China continuou a desenvolver seu marco regulamentar para conversibilidade da conta de capital.

A China também iniciou em 2013 sua iniciativa "um cinturão, uma estrada" [cinturão econômico da rodovia da seda terrestre & rodovia da seda marítima], um gigantesco empreendimento que estabelecerá a estrutura física e institucional para estreitar as relações de comércio e investimentos com países da região Ásia-Pacífico e além, acelerando assim a internacionalização do yuan.

Deng costumava dizer às autoridades chinesas que, diante de novos desafios, precisamos "ficar calmos, sustentar nossas posições e reagir". Até agora, isso é o que a China tem feito, buscando uma liberalização financeira cautelosa de acordo com suas próprias necessidades e com sua própria lógica. Seja lá o que Trump disser, isso não fará da China uma inimiga dos EUA. **(Tradução de Sergio Blum).**

20/03/2017 às 05h00 - Uriel Villas Boas -

Operação Carne Fraca!

Como se não bastasse o Brasil estar conhecido no ranking mundial da corrupção, agora entramos também para o ranking de falsificadores, maquiadores de carnes, com ácidos e produtos químicos, conforme operação deflagrada sexta-feira. Com isso os casos de Vaca Louca nos USA e UE viraram fichinha perto dos estragos feito com as carnes exportadas...

20/03/2017 às 05h00 - Jose Pedro Naisser -

Ver todas | Envie sua mensagem

Opinião

Últimas Lidas Comentadas Compartilhadas

O 1º Caged positivo não se esquece 05h00

A lista de Janot, a reforma da Previdência e o Caged 05h00

Como o Brasil pode inovar na proteção de dados pessoais 05h00

O inimigo imaginário de Trump 05h00

Ver todas as notícias

Conheça, apoie e doe.



Acesse e contribua com a nossa causa.

Videos



Inteligência artificial será tão essencial quanto energia elétrica
06/01/2017



**Estudos Econômicos da Fudan University. Copyright: Project
Syndicate, 2017.**

www.project-syndicate.org

 Compartilhar 0  Share  G+1  0  Q
